TERRORISMO NA COLÔMBIA

Tenente-Coronel (Res) Geoffrey B. Demarest, do Exército dos EUA

A PREVISÍVEL discussão sobre como definir o termo "terrorista" surgiu logo após o mundo inteiro ter expressado sua solidariedade com a intenção dos EUA de eliminar fisicamente o terrorismo. Alguns governos se esforçaram para encontrar uma conotação semântica que desse a aparência de estar compartindo uma afronta e que ao mesmo tempo auxiliasse a distrair a atenção dos norte-americanos de seus próprios contatos e conexões duvidosas com grupos que atuam fora da lei. Neste sentido, a importância da identidade das organizações em nenhum lugar teve tanta transcendência como no norte da América do Sul, onde os ataques do dia 11 de setembro deram relevo a uma intensa atenção à política externa dos EUA. O presidente da Venezuela, Hugo Chávez, em um discurso dirigido ao Congresso venezuelano, afirmou que os dois grupos dissidentes armados mais importantes da Colômbia, o Exército de Libertação Nacional (ELN) e o outro maior, Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) "não podem ser considerados terroristas porque se fossem não poderíamos negociar com eles; com o terrorismo não se fala, apenas se combate".[1] Sua lógica era contundente — os governos não negociam com organizações terroristas, se bem que o Governo colombiano havia estado negociando com esses grupos, portanto as FARC e o ELN não eram terroristas. O Ministro das Relações Exteriores do Equador, Heinz Moeller, fez mais tarde um comentário confuso, mas equivalente.[2] Este fato não passou desapercebido em nenhuma parte, muito menos na Colômbia. A revista semanal de maior divulgação na Colômbia, *Semana*, em um número publicado imediatamente depois dos ataques às torres do *World Trade Center*, incluía um breve artigo no qual fazia uma análise profunda sobre o que estes acontecimentos significavam para a Colômbia.[3] O artigo destacava o ultimato que o presidente Bush fizera nos primeiros momentos depois dos ataques sobre o castigo para os terroristas e para todos aqueles que os protegessem, para logo perguntar-se enfaticamente como os EUA definiriam o termo "proteção".

Já em 1998, o governo da Colômbia havia apostado em seu êxito, e talvez o futuro do país, em um plano para uma negociação com as FARC e o ELN. Estes dois grupos cometem anualmente milhares de seqüestros, centenas de assassinatos, extorsões e bombardeios ao ponto de converter a Colômbia em um dos países mais perigosos e violentos do mundo. Não há dúvida alguma sobre a vocação desses grupos pela violência. Seu *modus operandi* tem sido transformar a crueldade em medo, a fim de ganhar respeito. Seu objetivo explícito é a obtenção do poder.[4]

Durante a semana de 5 de setembro, três membros do Exército Republicano Irlandês (*IRA*) foram capturados na Colômbia depois de terem treinado membros das FARC. Inclusive, imediatamente após os ataques ao *World Trade Center*, as FARC não moderaram o seu comportamento e assassinaram um conhecido funcionário do governo enquanto este era mantido em cativeiro.

Apesar de tudo, o presidente Pastrana, procurando encontrar uma saída ao que pode parecer um impasse do governo colombiano, concordou com ceder às FARC um pedaço do território colombiano do tamanho da Suíça. Oficialmente chamado de *despeje* esta área foi destituída de toda a presença das Forças Armadas do governo, ficando sob o controle absoluto das FARC. Logo depois foi acrescentado uma faixa de 10 km de

extensão como território de ninguém ao longo de toda a área. Aparentemente as FARC exigiram esta concessão como uma garantia de proteção a fim de começar as negociações de paz. Os resultados têm sido duvidosos já que as FARC não cederam nada em mais de dois anos de conversações.

Entretanto, as FARC exploraram ativamente as vantagens militares de estar ocupando, sem nenhum risco, uma imensa área no coração do território nacional.[5] As linhas internas protegidas permitiram às FARC aumentar consideravelmente sua presença militar em outras zonas ao redor dessa área, expandindo o tamanho total do território sob seu controle, ao menos parcialmente.[6] Esta situação deu às FARC uma vantagem estratégica especial para o sul ao ajudá-la a assegurar a linha de comunicação com o Equador e o Peru. Dentro do *despeje* puderam ocultar e gerenciar seu inventário de reféns, incrementar seu adestramento e, aparentemente, fabricar bombas e minas. Para o noroeste, os limites do *despeje* na região das montanhas chegam às proximidades de Bogotá.

Um artigo publicado anteriormente na revista *Semana*, ainda que pouco divulgado, dava respostas definitivas concernentes à natureza do ELN e das FARC e do plano de paz do governo.[7] Para 2001, o Presidente colombiano estava sendo pressionando a outorgar uma área semelhante ao menor ELN. (A área escolhida fica ao longo do Rio Magdalena. Além de dominar a linha de comunicação mais importante do país desde o ponto de vista estratégico, a área proposta inclui uma grande concentração de plantações de coca, assim como a infra-estrutura petroleira). O entrevistador da *Semana* questiona o Presidente colombiano sobre as negociações que estão ocorrendo (não tanto com os guerrilheiros, mas com os residentes locais que se opunham ao plano proposto) com vistas a criar uma nova área de *despeje* para o ELN. O entrevistador pergunta, "e se não há um acordo, o senhor pretende continuar a área de *despeje* nessa região?" A resposta franca é embaraçosa, sua lógica talvez seja a primeira expressão pública, mais além de um recital de abstrações do raciocínio do Presidente. "O país precisa compreender que o ELN está pronto para negociar a paz, mas se isto não acontece, está pronto para fazer a guerra. E tem uma grande capacidade terrorista."[8] Em suma, o presidente de uma nação afirma que seu país deve compreender que se ele não conceder a um grupo que opera fora da lei um território estrategicamente importante, o grupo irá causar danos ao país. Para poder evitar o dano de ações violentas, o Presidente adverte ao país que deve outorgar um patrimônio e aceitar um risco estratégico. Não há dúvida sobre o correto uso do termo "terrorista" pelo presidente Pastrana em sua explicação, ou sobre a simplicidade de sua forma de ver a pacificação.

O cultivo da coca foi incrementado na área do *despeje* enquanto as atividades do Plano Colômbia, patrocinado pelos EUA, para a erradicação da mesma continuavam. Um dos objetivos mais importantes do plano de erradicação tinha sido o de reduzir o fluxo de recursos financeiros e, como resultado, diminuir sua capacidade de realizar ações violentas. Contudo, já que a Colômbia tem mantido vigente por muito tempo a política de não negociar com narcotraficantes, o governo de Pastrana teve de dizer publicamente que as FARC não era uma organização dedicada ao narcotráfico. Os EUA tinham deixado a critério político do Presidente colombiano o que se relacionasse com a classificação das FARC e sua conexão com as drogas. Depois de tudo, a própria agência antinarcóticos dos EUA (*Drug Enforcement Administration— DEA*) sempre foi muito lenta para aceitar publicamente a idéia de que as FARC eram uma organização narcotraficante. Entretanto, a partir de 11 de setembro, quando o terrorismo, em vez do narcotráfico, passou a ser o inimigo número um dos EUA, seria esperar muito que este país ignorasse o caráter terrorista dessas organizações, e que os colombianos pedissem aos EUA para fazê-lo. Durante a semana de 5 de setembro, três membros do Exército Republicano Irlandês (*IRA*) foram capturados na Colômbia depois de terem treinado membros das FARC.[9] Inclusive, imediatamente após os ataques ao *World Trade Center*, as FARC não moderaram o seu comportamento e assassinaram um conhecido funcionário do governo enquanto este era mantido em cativeiro.[10] As FARC montaram todo um esquema de publicidade expressando sua simpatia às vítimas da tragédia de Nova York, mas as forças de segurança do governo colombiano fizeram uma revelação oportuna de um vídeo de um importante líder das FARC que afirmava "que ela combateria (os norte-americanos) onde quer que se encontrassem, até chegar ao seu próprio território, para fazê-los sentir a dor que eles já causaram a outras pessoas".[11]

As Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC), outra organização armada ilegal, recentemente entraram para a lista oficial das organizações terroristas internacionais do Departamento de Estado dos EUA junto com o ELN e as FARC. O objetivo expresso da AUC é eliminar o ELN e as FARC, mas da mesma forma que os referidos grupos, envolveu-se em violações de direitos humanos e no tráfico de drogas.

Foto: Departamento de Defesa

O Presidente da Colômbia, Andrés Pastrana, acompanhado pelo Secretário de Defesa dos EUA, Donald Rumsfeld, no Pentágono.

Talvez tenhamos aceitado a idéia de que os problemas da Colômbia eram essencialmente de índole política ou cultural e que o instrumento militar era portanto inapropriado. Talvez teorias populares aceitáveis que mostrem desigualdades econômicas, injustiças políticas e anacronismos culturais como sendo a raiz do conflito, nos tenham impedido definir apropriadamente as necessidades mais imediatas.

Um pequeno paradoxo no curso da política norte-americana em relação à situação da Colômbia torna ainda mais interessante o assunto do *despeje*. As Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC), outra organização armada ilegal, recentemente entraram para a lista oficial das organizações terroristas internacionais do Departamento de Estado dos EUA junto com o ELN e as FARC.[12] O objetivo expresso da AUC é eliminar o ELN e as FARC, mas da mesma forma que os referidos grupos, envolveu-se em violações de direitos humanos e no tráfico de drogas. A AUC foi acrescentada à lista das organizações terroristas do Departamento de Estado, talvez, em parte, porque os 'negociadores de paz' das FARC exigiram que o governo colombiano mostrasse sua vontade de opor-se à AUC. Agora parece que a sua inclusão na lista, fará com que seja mais difícil que alguns meios de imprensa ignorem o caráter terrorista do ELN e das FARC. A AUC geralmente é catalogada como "de direita" enquanto o ELN e as FARC são conhecidos como "esquerda".[13] É possível que os colombianos questionassem que o critério dominante para a seleção fosse as tendências esquerdistas ou antiamericanas mais do que o comportamento das organizações. Com a AUC fazendo parte da lista diminui esse argumento.

A pergunta no futuro não será então como descrever grupos tais como as FARC e o ELN. Estes grupos continuarão fazendo parte da lista de organizações terroristas, como é devido. A pergunta mais difícil será, entretanto, como apoiar um governo aliado para que não permita que uma grande extensão de seu território seja usada como um "refúgio fora da lei" e um campo de adestramento para atos de extrema violência. Quanto à Colômbia, se o seu governo de fato acredita que deve conceder território nacional a seus dissidentes armados, porque caso contrário cometerão atos de violência que debilitarão o país, devemos perguntar-nos que

autoridade, estratégia ou equipamento estão faltando.

Como corolário, podemos nos perguntar que aspectos ou pontos determinantes de nossa própria política desencorajaram o governo colombiano a tal ponto que impossibilitou a aplicação do poder militar, permitindo que um pequeno exército que opera à margem da lei pudesse amedrontar um aliado de 40 milhões de habitantes. Talvez tenhamos aceitado a idéia de que os problemas da Colômbia eram essencialmente de índole política ou cultural e que o instrumento militar era, portanto inapropriado. Talvez teorias populares aceitáveis que mostrem desigualdades econômicas, injustiças políticas e anacronismos culturais como sendo a raiz do conflito, nos tenham impedido definir apropriadamente as necessidades mais imediatas.[14] Consideremos a seguinte lista das vantagens que os subversivos buscaram e encontraram: linhas interiores, segurança na área de retaguarda, linhas de comunicação protegidas, bases de recursos financeiros protegidas, áreas de aprestamento, áreas de treinamento, acesso a corredores estratégicos. Estas não são falhas da sociedade que estão alimentando as causas ocultas do descontentamento popular.[15] Elas são objetivos militares. Em fevereiro de 2002, o Exército colombiano retomou a área do *despeje.* ***MR***

Referências

1. "Chávez diz que os guerrilheiros colombianos não são terroristas", EFE NEWS (Espanha, sábado, 29 de setembro de 2001, http://www.prairienet.org/clm/clmnews_files/010929EFE02.html

2. "O ministro das Relações Exteriores equatoriano expressa seus pontos de vista sobre o terrorismo e a integração", LAP20011007000041 Quito Hoy (Internet Versión-WWW) em espanhol 7 de outubro de 2001.

3. "La hora del garrote", *Semana*, 17 de setembro de 2001, p. 62.

4. Em uma entrevista com os propagandistas do "Patria Roja", o Partido Comunista peruano, o comandante das FARC, Raúl Reyes fez esta afirmação clássica: "As FARC se levantaram como uma força marxista-leninista sustentada pelo pensamento 'Bolivariano' que luta pelo poder e não reconhece o estado." E depois continuou explicando as negociações com o governo. Evidentemente para as FARC, as negociações de paz formam parte do seu processo para a tomada do poder. http://www.geocities.com/capitolhill/senate/9785/actu10.htm

5. O valor da propaganda não deve ser subestimado já que esta e a estratégia estão unidas em certo ponto. As FARC por muito tempo têm argumentado explicitamente a favor de uma condição beligerante sob leis internacionais. Veja por exemplo, "Beligerancia", FARC-EP Documentos em http://www.farc-ep.org/. Como demonstram as FARC, a aplicação dos acordos (e com eles o argumento mais forte a favor de uma identidade separada e legítima no âmbito internacional) inclui o requisito de que as forças dissidentes armadas 'exerçam tal controle sobre parte de seu território que possibilite levar a cabo suas permanentes e planejadas operações militares…' Mais importante ainda pode ser o próprio fato que participem nas negociações para a paz enquanto, ao mesmo tempo, continuam com suas ações violentas. Estar na mesa de negociações para a paz proporciona às FARC legitimidade e também um lugar proeminente nos meios de comunicação, sobretudo internacionalmente. Sem o processo de paz a imagem pública das FARC seria reduzida. O *despeje* e o processo de paz de Pastrana estão agora tão estreitamente unidos que a eliminação da área do *despeje* pareceria significar o fim do processo e dos benefícios políticos. Ver Armando Borrero Mansilla, *El Tiempo*, "La importancia militar de la zona del *despeje*", 19 de outubro de 2001 no endereço http://www.eltiempo.terra.com.co/19-10-2001/prip118531.html

6. Ver Scout Wilson, "Colombian Rebels Use Refuge to Expand Their Power Base: FARC Pushes Boundaries of Government-Backed Safe Haven", The Washington Post Online, 3 de outubro de 2001, p. A25 http://www.washingtonpost.com. "Concebido como uma forma para acabar com a guerra civil de quase quatro décadas, o refúgio seguro das FARC converteu-se na vantagem militar maior dos guerrilheiros nesse conflito crescente, segundo os oficiais de mais alto escalão do exército e os analistas de defesa da Colômbia".

7. "Mi única prioridad no es la paz". Entrevista com o presidente Andrés Pastrana, *Semana*, 26 de fevereiro de 2001, p. 30.

8. *Ibíd.*

9. Colômbia descreve detalhadamente o vínculo recente do IRA com a guerrilha, 'Financial Times online http://ft.com, 17 de setembro de 2001 20:43. Ver também "IRA Denies Sending Trio to Colombia", Agence France Presse, quarta feira, 19 de setembro de 2001. http://www.prairienet.org/clm/clmnews_files/010919AFP01html. O assunto do apoio prestado pelo governo cubano durante muito tempo aos grupos subversivos colombianos certamente voltará a ser debatido, especialmente à luz da colaboração cubana prestada a outras organizações terroristas internacionais. Ver, por exemplo, Ninoska Pérez Castellón, "The Cuban Connection", Latin American Special Report Vol. 12, No. 11, 30 de setembro de 2001, p. 1.

10. Scott Wilson, "Colombian Guerrillas Kill Popular Official", Washington Post Foreign Service, 1º de outubro de 2001, p. A16.

11. Luis Jaime Acosta, "Colombian Rebels Plan Strike in U.S.", Reuters, 24 de setembro de 2001. De acordo com este artigo que pode ser encontrado na Internet no endereço Colombian Labor Monitor clm@prairienet.org.

12. Ken Guggenheim "Citing Massacre, Powell assails Colombia group as terrorist", Boston Globe, Associated Press 9/11/2001, p. A15.

13. Alguns membros do ELN possivelmente tenham desertado para as AUC. Ler sobre este assunto no endereço oficial das AUC na rede, Colombia Libre, http://www.colombialibre.net/colombia libre/ que publicou um artigo no qual alega que houve um grande número de deserções do ELN para as AUC. Também pode-se antecipar que as FARC receberão membros do ELN se é que este está se desintegrando, como afirmam alguns analistas. Estas possibilidades dão lugar a perguntas sobre a dimensão ideológica do ELN como também das AUC. A suposta falta de coesão organizacional no ELN faz com que se questione a decisão do governo colombiano de alocar um grande refúgio no interior do país para essa organização.

14. Depois do dia 11 de setembro as mudanças são palpáveis. Francis Taylor, Coordenador para Assuntos de Terrorismo no Departamento de Estado dos EUA afirmou no início de outubro ante uma atenta audiência sul-americana, que sua equipe estava planejando uma estratégia antiterrorista para a Colômbia que complementaria o Plano Colômbia. Ver Sergio Gómez Maseri, "EE.UU. prepara estrategia antiterrorista para Colombia". *El Tiempo*, (Bogotá), 12 de outubro de 2001 no endereço http://eltiempo.terra.com.co/12-10-2001/prip_pf_0.html; Clarín, "EE.UU. no descarta intervenir en Colombia", 16 de outubro de 2001, www.clarin.ar.

15. Como foi descrito pelo ELN, "Este complexo panorama da realidade social, política, econômica e legal e as oportunidades de vida que está sendo negada à maioria dos colombianos é o que faz surgir e sustentar a existência do movimento guerrilheiro e a inviabilidade de uma luta revolucionária armada. Não é a intenção nem o resultado de motivações individuais de pessoas belicosas, como afirma a classe alta da Colômbia." <http://www.web.net/eln/ELN/eln.html>. Não importa o que a classe alta diga ou não, nem que injustiças sociais existam, a objetividade nos leva a concluir que na realidade grande parte da violência na Colômbia é causada pela intenção e pelo resultado de motivações individuais de pessoas belicosas.

O Tenente-Coronel (Res) Geoffrey Demarest é analista de assuntos latino-americanos no Escritório de Estudos Militares Estrangeiros (FMSO) no Forte Leavenworth, Kansas. Recebeu seu título de Bacharel em Artes pela Colorado University, *o de Mestre e Ph.D. em Jurisprudência pela* Denver University. *É graduado pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA. Serviu em uma variedade de posições de comando e estado-maior no território continental dos EUA e na América Latina, incluindo comandante do 12º Batalhão de Treinamento (formação básica de soldados), Forte Sheridan, Illinois; e como assistente do Adido do Exército na cidade da Guatemala. Antes de assumir sua posição atual no FMSO, trabalhou em um escritório de advocacia em Loveland, Colorado. É autor do artigo* Geoproperty: Foreign Affairs, National Strategy and Property Rights *e outros sobre assuntos de defesa e segurança.*